ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição *ne varietur*

TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS

Ao meu tio João Maria Machado d'Almeida Lima,
que sabe quanto lhe quero.

ELES, NO JARDIM

Dessa fotografia não sobrou muita coisa, o cenário desvaneceu-se quase todo, as pessoas principiam a desaparecer. O cenário: um canto de jardim com um muro de pedra, o que se me afigura arbustos ou árvores, o que me dá ideia de serem flores, mais próximas, à esquerda, dantes preto e branco, castanho e cinzento agora. As pessoas: a minha avó com cinco ou seis anos, ao colo do pai, a mãe dela de pé, debruçada para ambos. A minha avó parece loira, de olhos aguados, com um vestidinho branco, sentada ao colo do pai que por sua vez se senta, de colarinho duro e bigodes, no tal muro de pedra. Percebe-se que o cabelo lhe começa a faltar, percebem-se algumas rugas, a ausência de cintura dos homens de meia idade. A mãe da minha avó com uma espécie de carrapito ou assim, uma sombra de sorriso contrafeito algures entre o que deve ser o queixo e o que deve ser o nariz. Resistem-lhe as pupilas, nítidas, semelhantes aos círculos de plástico com que os bonecos nos fitam. Nenhum deles espreita a máquina. A minha avó talvez, transparente na película, com qualquer coisa de aparição ou de figura de sonhos. Falta-lhe uma certa perversidade sábia e amável, comum às crianças bem educadas e às personagens de Henry James, conforme lhe falta metade da mão direita e um pedaço do braço. A gola do vestidinho branco deve ter sido de renda. Os dedos do pai poisam-lhe no ombro. Quando a conheci era a única sobrevivente do retrato e não lhe faltava mão nenhuma. Os pais

continuavam em molduras separadas, graves, intransigentes, o meu bisavô numa expressão de espanto. Brincava com as condecorações dele, guardadas num armário. Ao serão jogava bilhar com a filha

(havia salas de bilhar nas casas dessa época)

enquanto o meu avô, fardado de cadete da Escola de Guerra, lhe passeava, esperançoso, debaixo da janela. A minha avó dizia que afastava o cortinado com o taco para que ele a visse. Nunca dei com o meu avô fardado: usava um casaco de linho e lia o jornal na varanda. Sempre que me lembro dele é a ler o jornal na varanda da Beira Alta, ou a assistir às trovoadas na serra. Morreu quando eu tinha doze anos. Um homem calado

(não me recordo da voz)

a assistir às trovoadas e a ler jornais. O que terei herdado dele, do seu sangue? Não me ligava nenhuma, eu não lhe ligava nenhuma e ficámos quites. Depois soube que ele morreu e desatei numa tremideira: foi a primeira pessoa que eu conhecia a morrer. Ainda hoje não sei o que significa morrer. Pensando melhor talvez ligássemos qualquer coisa

(não muito, claro, não muito)

um ao outro. Pelo menos prefiro julgar que era assim. Passados tantos anos a minha mãe continua apaixonada por ele. Eu continuo apaixonado pela minha avó: aos domingos almoçava em sua casa, pegava-me no pulso sobre a toalha. Ainda conheço os seus anéis de cor. Avozinha. Que estupidez avozinha, não havia nada de avozinha nela. Quando se aborrecia passeava na sala de um lado para o outro, alta, direita, séria. Tratava-nos por

— Meu filho

dava-me dinheiro de um cofre que, não sei porquê, se encontrava na mesa do oratório. As moedas vinham em rolos de papel. E de súbito, há pouco tempo, dei consigo, avó, na fotografia em que o cenário se desvaneceu quase todo. Nenhuma data atrás, nenhuma palavra, essa tinta roxa com que os defuntos escrevem, numa caligrafia inclinada e preciosa, de finos e grossos. Nada a não ser uma criança de cinco ou seis anos ao colo do pai, e a mãe dela de pé debruçada

para ambos, de mangas compridas, saia comprida, qualquer coisa no penteado que o tempo devorou. Num dos ângulos de cima uma copa, um alpendre. Uma copa. Não, um alpendre. Ou nem copa nem alpendre, uma nódoa de iodo. O pai da minha avó perdeu os sapatos, os tornozelos, acho que um terço das calças. Três fantasmas remotos, feitos de esquecimento e silêncio. Sobretudo de silêncio, a diluírem-se devagar, indiferentes, numa nuvem confusa, recuando para além da memória, onde os não posso alcançar. O muro de pedra deve ter acabado também, a vivenda à qual o muro pertencia, a rua da vivenda igualmente. Mas a menina permanece, loira, de olhos aguados e vestidinho branco. E nenhum deles sorri, não se escutam bolas de bilhar no piso de cima, não existem cadetes debaixo da janela, um taco a afastar os reposteiros. É-me difícil imaginar o meu avô a namorá-la, a abandonar o jornal e as trovoadas para lhe fazer a corte. O sorriso contrafeito da senhora vai-se esfumando, daqui a meses, talvez, nem um contorno subsiste. E qualquer dia eu, por meu turno, deixo de ser também: quando acabar de haver quem se interesse por ela a fotografia terminou: a gola do vestidinho branco que deve ter sido de renda, os dedos que lhe poisam no ombro. Um homem qualquer trouxe uma máquina de tripé para o canto do jardim, sumiu a cabeça num pano preto, carregou num botão. É o único que não aparece no retrato, o único que não sei como era. Enquadra os clientes, pediu-lhes

— Façam isto, façam aquilo

se calhar corrigiu uma posição, certificou-se da luz, verificou do outro lado do aparelho uma imagem desfocada, invertida, surgiu do pano preto

— Atenção

e nem sequer assinou o trabalho. A seguir juntou as hastes do tripé, arrumou as lentes numa caixa, foi-se embora. Para além do cenário existe um retalho de céu vazio, inútil, distante, depois dos arbustos ou das flores ou das árvores. É capaz de ser o céu. Ou o mar. Mas pode bem tratar-se das lágrimas do fotógrafo.

TANGO DO EMIGRANTE

Quando chegará a altura de voltar para casa, de voltar para ti? Ainda haverá casa? Ainda haverás tu? A casa no fim da vila

(perto do fim da vila)

a seguir aos comboios? Ainda haverá o preto de barro, de chapéu de coco, a tocar saxofone em cima da cómoda, com a fotografia do teu pai de um lado e a fotografia da tua mãe do outro, os dois sérios, zangados, felizmente presos à moldura, olhando-me como se olha um estranho? O palhacinho feito de molas de roupa a embelezar a televisão? A colcha de folhos, a boneca ao centro do travesseiro, de braços abertos, a detestar-me? A torneira que não vedava bem? De dia não se dava por isso, era ao deitarmo-nos que aqueles pingos, monótonos, certos, imensos, atravessavam o escuro para se esmagarem no lava-loiças numa dignidade lenta: ainda haverá os pingos? O estrondo dos pingos? O vaso de begónias de tule? Não disse que me ia embora para sempre, disse

— Cinco ou seis meses na Alemanha e volto

e a tua cara igual à da boneca, de bochechas redondas, cada pestana nítida, separada das outras, os dentinhos a aparecerem

(dois dentinhos)

e, pergunto eu agora, tu, tal como ela, a detestares-me também? Cinco ou seis meses na Alemanha a trabalhar numa fábrica e depois podíamos aumentar a casa, comprar mobília nova, prolongar a marquise, substituir o armário dos teus pais, tão pesado, tão velho, por um louceiro de bambu e vidro fumado de que se fechavam as portinhas e os teus pais lá dentro, empurrados para o fundo, quase invisíveis, sem me olharem por fim, quer dizer impedidos de me olharem porque graças a Deus um serviço de copos entre nós, vermelhos, de pé doirado, protectores, simpáticos. Em cinco ou seis meses

(ou nove, ou onze)

tu mais forte, mais bonita, um penteado diferente, uma pinturazinha na boca, uns brincos de que eu goste, um automóvel novo em

lugar deste caco, um anelzinho

(tu mereces)

com uma pedra que não seja a fingir. Não escrevo muito para poupar nos selos e as palavras

(tão esquisitas)

sem dizerem o que queria dizer-te, o que mereces ouvir. Em outubro telefonei-te e pareceste-me estranha, indiferente, uma frase aqui, outra ali como se alguém contigo, um

— Agora não me dá jeito falar

e o som da chamada interrompido o que

(não me leves a mal)

se me afigurou estranho, contei à Ulli

(uma amiga alemã, temos de nos dar com alguém não é verdade?)

e ela a achar estranho igualmente, a aconselhar-me

— Deixa lá

(mais ou menos isso em alemão)

enquanto se afastava para eu caber ao seu lado no sofá de palhinha

(a Ulli é um bocado forte)

e ver com ela um programa sobre irmãos siameses pegados pela barriga o que lhes dificultava o andar; experimentei com a Ulli e realmente dificulta, caminha-se de banda, esbarra-se nas coisas, a Ulli abraçou-me para nos sincronizarmos melhor, ao deixarmos de nos sincronizar a Ulli trouxe do frigorífico umas cervejas de lata, experimentámos outra vez, mais habituados, menos tensos, não precisámos do cirurgião que separou os irmãos siameses para nos afastarmos um do outro, a Ulli garantiu fosse o que fosse sobre os latinos que me caiu bem, o duplo queixo dela estremecia um bocado, mora por cima de um veterinário e visito-a aos sábados a abrir caminho entre cachorros com sarna

(a Ulli jura que não há sarna na Alemanha)

e até à terceira cerveja pergunto-me quando chegará a altura de voltar para casa, de voltar para ti, pergunto-me se ainda haverá casa, ainda haverás tu, deves haver tu, há tu de certeza mesmo que agora

não te dê jeito falar, o preto do saxofone na cómoda à espera, os teus pais cada qual no seu canto, a torneira calada porque não sei quem a arranjou, a Ulli para mim

— Esquece a torneira Nelson

e com a ajuda dela e da oitava cerveja esqueci a torneira, que se dane a torneira, já lá vão dois anos

(vinte e nove meses)

desde que cheguei e o contrato no fim, regresso quarta-feira, há um voo directo de Munique a Lisboa, a seguir o comboio e Seia num instante, o palhacinho feito de molas de roupa a cumprimentar-me

— Olá

tu com o crochet na sala e não mudaste nada, nem mais forte nem mais bonita, o penteado de sempre, a única diferença é que não usas aliança, me prevines

— Tens um caixote com as tuas coisas no alpendre

um caixote que lá deve estar há séculos e as minhas coisas estragadas, um cheirozito a bafio que não engana ninguém, se eu voltar para a Alemanha

(responde com franqueza)

pensas que a Ulli me aceita nem que seja uma vez por semana, com sorte um novo programa sobre irmãos siameses, com sorte umas cervejas *de* lata que se partem as unhas a abrir, os cães no consultório um rebuliço de caudas, não cães como os nossos, uns monstros enormes e eu no sofá de palhinha com saudades dos pingos, de uma colcha de folhos, da boneca de braços abertos que ao princípio chorava e agora impassível, hei-de comprar uma boneca aqui

(sempre é uma companhia)

e de vez em quanto telefono-te porque nunca se sabe e talvez chegue um dia

(ele há horas felizes)

em que estejas sozinha com as begónias de tule, a tua cara igual à da boneca, de bochechas redondas, cada pestana nítida, separada das outras, os dentinhos a aparecerem

(dois dentinhos) e te dê jeito falar.

UMA LARANJA NA MÃO

Assim. Quer dizer, uma das mãos aqui, a outra mais abaixo. As duas mãos aqui. As duas mãos mais abaixo. A mão que estava mais abaixo aqui, a mão que estava aqui mais abaixo. Depois pegas-me na cara, depois fechas os olhos, depois beijas-me. Depois afastas-te de mim. Depois sorris. Depois esperas que eu sorria. Depois, como não sorrio, deixas de sorrir. Depois uma espécie de alarme na tua cara. Depois alarme mesmo. Depois

— Passa-se alguma coisa contigo?

e depois as mãos que me largam, hesitam no maço de cigarros, desistem do maço de cigarros, voltam a pegar-me. Quer dizer, não uma das mãos aqui e a outra mais abaixo, as duas na minha cintura

— Luísa

a voz a ganhar força

— Perguntei o que se passa contigo não ouviste?

uma pontinha de sorriso na esperança que o meu, a pontinha de sorriso a verificar que o meu não e a desvanecer-se, não alarme, zanga e medo

— Luísa

zanga apenas, um dos dedos que principia a magoar-me

— Luísa

com força entre as costelas e a cintura, nunca tinha reparado antes nesse ponto preto na asa do nariz, o ponto intriga-me, aproximo-me para o estudar melhor

— Como é que deixei escapar este ponto?

tu, sem entenderes

— Como?

de boca quase junto à minha, a respirares-me para cima

— Estás a brincar comigo Luísa?

o dedo que deixa de magoar-me, pede ao polegar que o ajude a segurar-me o queixo

— Há alturas em que me assustas, sabias?

a tua boca na minha e os meus dentes a cerrarem-se logo, os lábios a diminuírem, o peito a encolher-se, os meus olhos abertos contra os teus olhos fechados, os meus olhos abertos contra os teus olhos abertos, tão esquisita a tua boca em funil, tão cómica, o funil a sumir-se

— Estás a rir-te de mim?

o ponto preto de novo e agora apenas o ponto preto, não tu

— Estás a rir-te de mim?

ofendido, furioso, o ponto preto a dar lugar à cara e a cara sobrancelhas apenas

— Estás a rir-te de mim?

vontade de pedir-te que alises as sobrancelhas em que pêlos fora do sítio, um para cima, dois para o lado, o maior dos dois para o lado grisalho, uma espécie de caracol grisalho, o caracol

— Oxalá não te arrependas Luísa

quase um murmúrio e à beira de um grito, o grito a tomar o lugar do murmúrio

não bem grito, um aviso rouco

— Vais arrepender-te Luísa

a porta do corredor a fechar-se com força, ruídos distantes

(passos, uma gaveta ou assim)

a porta do quarto e silêncio, eu em paz, uma árvore na janela onde a noite começa, nuvens já não brancas, cor-de-rosa, cor de tijolo, vermelhas, a copa da árvore para a direita e para a esquerda, sem pressa, a parte do céu rente aos telhados lilás, daqui a nada a lua para as bandas da ponte, se eu fosse pequena e a minha mãe aqui estivesse

— A lua, Luísa

se o meu pai aqui estivesse escondia-se no jornal aberto, ele jornal e pernas que se cruzavam, descruzavam, um pedaço de pele entre a meia e a calça, a voz atrás do jornal

— O que é que interessa a lua?

e o barulho das páginas, o que é que interessa a lua de facto, quem quer saber da lua, a minha mãe, picada

— O que é que interessa a lua diz este